



## RETICÊNCIAS: PÓS-MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO NOS SCHARGELS/SZARGELS

### ELLIPSES: POST-MEMORY AND SCHARGELS/SZARGELS RECONSTRUCTION

Sergio Schargel ou Szargel<sup>1</sup>

**Resumo:** O testemunho é vital para que gerações posteriores possam construir uma identidade. Na ausência de narrativas, no silêncio, a memória é mutilada, substituída por retalhos, forma-se uma pós-memória. Este artigo trata das questões relativas ao desconhecimento do passado utilizando, para isso, de uma reconstrução da história do refúgio da família Schargel/Szargel da Polônia para o Brasil, através de alguns poucos documentos e da memória coletiva da família.  
**Palavras-chave:** Silêncio. Testemunho. Pós-memória. Assombração. Cascas.

**Abstract:** Testimony is vital for later generations to build an identity. In the absence of narratives, in silence, memory is mutilated, replaced by shredders, by a post-memory. This essay deals with questions concerning the lack of knowledge about the past, by means of a reconstruction of the history of the refuge of the Schargel/Szargel family from Poland to Brazil; through a few documents and the family collective memory.

**Key-words:** Silence. Testimony. Post-memory Haunting. Remains.

#### 1. Introdução

*Representar alguma coisa pelo menos, um mínimo do que é possível saber.* (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 30).

O trabalho de restauração é árduo: reconfigurar, partindo de resquícios, uma nova imagem ao velho que, por melhor que seja, jamais será igual. A reconstrução de narrativas a partir de documentos, arquivos e memória, em suma, o ato de trabalhar com a história, jamais será uma reprodução absolutamente fiel da realidade (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 68). Porém, com a ausência do testemunho, com a reconstrução apenas a partir de restos, essa realidade fica ainda mais distante. Há, nesses cenários, um grande vazio, uma conversa rompida.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, bacharel em Comunicação Social, Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda. E-mail: [sergioschargel\\_maia@hotmail.com](mailto:sergioschargel_maia@hotmail.com)

Com ruínas, isto é, resquícios do passado, resta às gerações seguintes reconstruir o retalho da memória, amalgamar tudo o que sobra para fazer algum sentido. Seja esse sentido completamente ficcional, ou o mais próximo possível do real, embora, evidentemente, essa reconstrução nunca será o real: nem a memória, nem a ficção e nem a história o seriam (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 68). Sem o testemunho, sem arquivo, sem documentos, apenas com o silêncio, “é como se nós tivéssemos sido privados de uma faculdade que nos parecia inalienável, a mais segura entre todas: a faculdade de trocar experiências” (Benjamin *apud* Didi-Huberman, 2011, p. 73), citando Benjamin fora do contexto de seu ensaio.

Neste artigo exporei alguns resultados de um trabalho de arquivo que fiz alguns anos atrás, quando tentei - e falhei – em emitir o passaporte Europeu através dos vínculos com a Polônia. Além de um pouco da história dos Schargels/Szargels, trabalharei com conceitos como assombrações e pós-memória, visando expressar a sensação de ser descendente do que não se conhece. Para isso, o ensaio *Cascas*, de Didi-Huberman, permeará todo o texto, já que também trabalha com a noção de transmissão e reconstrução a partir de fragmentos: “Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo - de uma interrogação desse tipo - que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 61).

Como é um conceito que também estará presente durante todo o artigo, é importante definir a ideia de pós-memória. Marianne Hirsch chama de pós-memória a memória herdada, traumas e sentimentos que não envolveram um indivíduo diretamente (HIRSCH, 2012, p. 5). A pós-memória é uma reconstrução do que não há, uma lembrança de uma experiência que não é a nossa (HIRSCH, 2012, p. 5). As reticências de uma memória incompleta e fragmentada, a herança das cascas. A pós-memória:

Descreve a relação que a ‘geração seguinte’ possui com o trauma pessoal, coletivo e cultural daqueles que vieram antes – recordam ‘lembranças’ apenas através de histórias, imagens e comportamentos entre aqueles com quem cresceram. É diferente da memória porque é fundamentalmente um processo ‘imaginativo’, um ato de identificação e resposta criativa. (HIRSCH, 2012, p. 5)<sup>2</sup>.

Relembrar, através de uma reconstrução por arquivo, através de “lascas de tempo” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 10) é uma forma de tirar a assombração do campo da memória e continuar o que foi apagado, esquecido e interrompido. Não que seja possível reconstruir completamente, ainda mais com

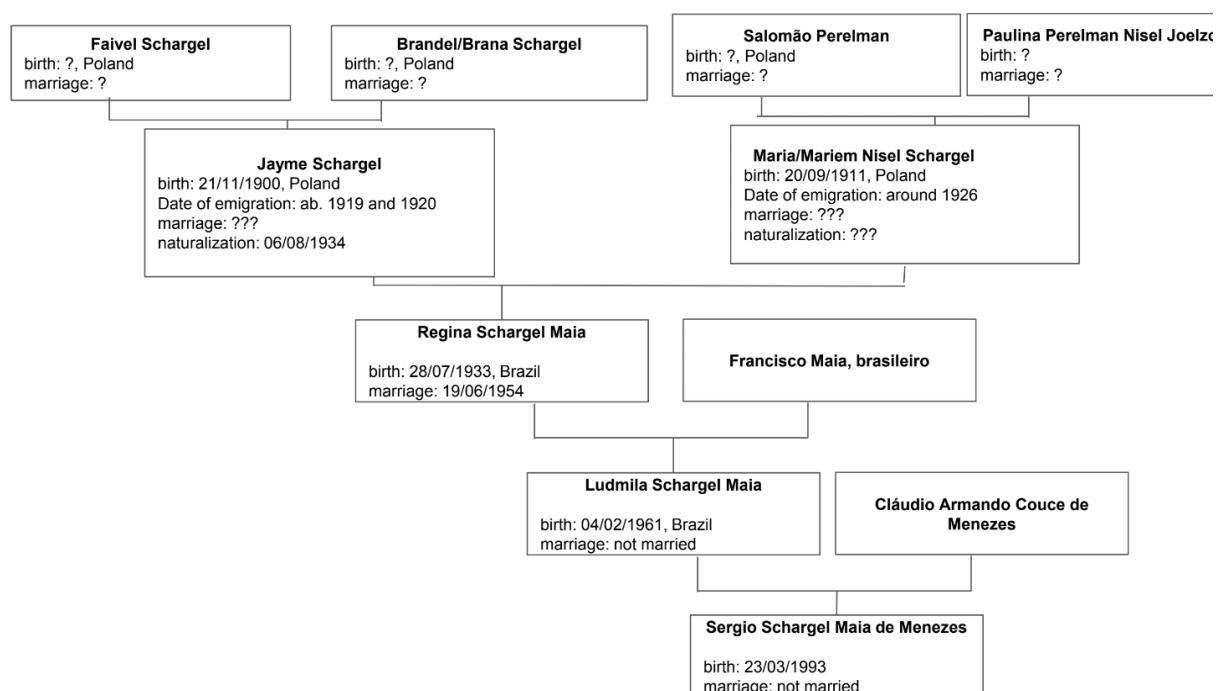
---

<sup>2</sup>Tradução livre para: “Describes the relationship that the ‘generation after’ bears to the personal, collective and cultural trauma of those who came before - to experiences they ‘remember’ only by means of the stories, images and behaviors among which they grew up. It is different from memory because it is first and foremost an ‘imaginative’ process, an act of identification and creative response.”

o pouco que se tem, a trajetória dos Schargels/Szargels, mas esse diálogo com o vácuo permite compreender um pouco quem eles foram e, a partir disso, quem eu sou.

## 2. Schargel? Szargel?

**Figura 1:** árvore genealógica da família Schargel/Szargel. Contém todas as poucas informações sobre os ancestrais.



**Fonte:** acervo pessoal.

Eu não conheci meus bisavós. Na verdade, mesmo minha mãe e tias também não os conheceram. Jayme Schargel, meu bisavô, faleceu em torno de 1945; e Mariem Schargel, minha bisavó, provavelmente em 1964, quando minha mãe tinha apenas três anos. Mesmo minha avó, também pouco conheci, já que faleceu quando eu tinha quatro anos. Segundo minha mãe e tias, minha avó nunca falou muito sobre seus pais. Provavelmente também não sabia muito sobre eles. O silêncio sempre foi o paradigma na família, pouco se falava sobre a primeira metade do século XX. Mesmo que aparentemente não tenhamos sofrido diretamente os impactos do Holocausto, sempre existiu uma sombra gigantesca, uma espécie de fardo e rancor herdado de geração em geração ao ponto que minha mãe se recusava a pisar na Alemanha até pouco tempo atrás. A ausência de testemunho e a nebulosidade do desconhecimento acerca das nossas origens contribuía e contribui para isso.

Diversas versões e hipóteses já foram levantadas sobre Jayme Schargel: membro da resistência polonesa, desertor da Segunda Guerra Mundial, refugiado do Holocausto, desertor da Primeira Guerra Mundial. Pelo levantamento realizado nos arquivos, a última versão parece condizer mais com a realidade. Mesmo assim há lacunas que não parecem solucionáveis. Quatro gerações foram o suficiente para apagar a maioria dos rastros, restam alguns poucos arquivos para realizar uma reconstituição que pode ou não se aproximar do real.

Houve, na minha geração, um crescimento no desejo de descobrir a genealogia familiar. As anteriores pouco falavam ou se interessavam sobre isso, tanto que só houve movimentações para tirar o passaporte conosco. O primeiro a tentar tirar o passaporte polonês foi um primo, seguido por mim. Ambos falhamos pelo mesmo motivo: ausência de documentos e informações. Embora eu tenha contratado uma empresa para ajudar e chegado mais longe, a ausência de informações impossibilitou que avançasse muito. Após gastar bastante dinheiro na tentativa, desisti quando a empresa afirmou que, não tendo achado nada além do documento de naturalização de Jayme, teria que fazer uma busca nos arquivos de Lódz e Varsóvia, o que sairia ainda mais caro e com chances ínfimas de sucesso. No entretanto, pesquisei eu próprio nas sinagogas das duas cidades e nada encontrei. Caso houvesse algum parente vivo fora do Brasil, por mais distante que fosse, talvez fosse mais fácil. Mas acredita-se que toda família, com exceção dos que vieram ao Brasil, morreu no Holocausto.

Os documentos que restaram na família, aliado à falta de testemunhos, exercitam imaginação, mesmo com possíveis incongruências e mistérios. Se realmente foi um desertor da Primeira Guerra, como parece ter sido, a imagem heroica que foi construída através de outras versões, contadas principalmente na minha infância, é completamente aniquilada e substituída por outra perspectiva, mais humanizada. Meu bisavô talvez não fosse o herói que lutava pelos judeus contra os malvados nazistas, como meu maniqueísmo infantil acreditava, mas simplesmente um homem que fugiu de uma luta que em nada lhe dizia respeito. Uma hipótese confortável seria que essas versões teriam me sido passadas justamente com a intenção de criar uma aura em torno do passado, tomando a criança como um ser puro para quem a verdade deve ser evitada em prol da proteção<sup>3</sup>, o que explica porque só me foi dito que ele era um provável desertor depois que atingi a maturidade. Outra possibilidade, mais provável, é que, na ausência de uma versão “oficial”, cada membro da família construa sua própria imagem e pós-memória em relação a Jayme: desertor, sobrevivente, herói, refugiado, imigrante, judeu. Com certeza Jayme foi alguns desses rótulos, talvez tenha mesmo sido todos.

---

<sup>3</sup> Talvez valesse um capítulo inteiro dedicado ao aprofundamento da discussão sobre narrativas alternativas criadas para proteger um ideal de infância e uma imagem do familiar; mas, por falta de espaço, ficará para um futuro artigo ou ensaio.

**Figura 2:** carteira de identidade brasileira de Jayme Schargel.



**Fonte:** acervo pessoal.

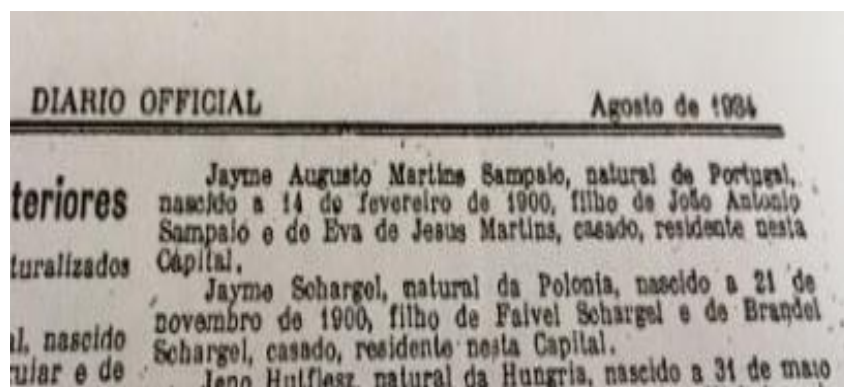
O que não é concluído, trabalhado por gerações anteriores, acaba, em algum ponto, assombrando as novas gerações (HIRSCH, 2012, p. 5). Sem o testemunho, com resquícios de informações que sobraram de alguns poucos documentos, a memória coletiva da família e a nossa identidade judaica se encarrega de reconstruir o mais próximo possível do que poderia ter sido a vida de Jayme. Mas o mais próximo possível pode entrar frequentemente em dissenso com o nosso imaginário, ainda mais quando tudo o que resta de um agente tão responsável por nossa identidade é uma imagem e alguns documentos. Não há informação sequer sobre o seu nome completo. Ainda mais do que isso: até onde se sabe, nosso sobrenome, Schargel, nem sequer existe.

Em Lódz e em Varsóvia não há qualquer informação sobre os Schargels, ainda menos que no Brasil. Mesmo nas sinagogas. Os poloneses com que conversei também nunca conheceram ninguém com este sobrenome e mesmo uma busca na internet não revela ninguém além de alguns poucos parentes brasileiros e estadunidenses. Em 2016, enquanto investigava na Polônia, duas polonesas com que fiz

amizade me disseram que a junção “ch” simplesmente não existe na língua polonesa. Mas, se “ch” não existe em polaco, como poderia o sobrenome ser Schargel? Não poderia.

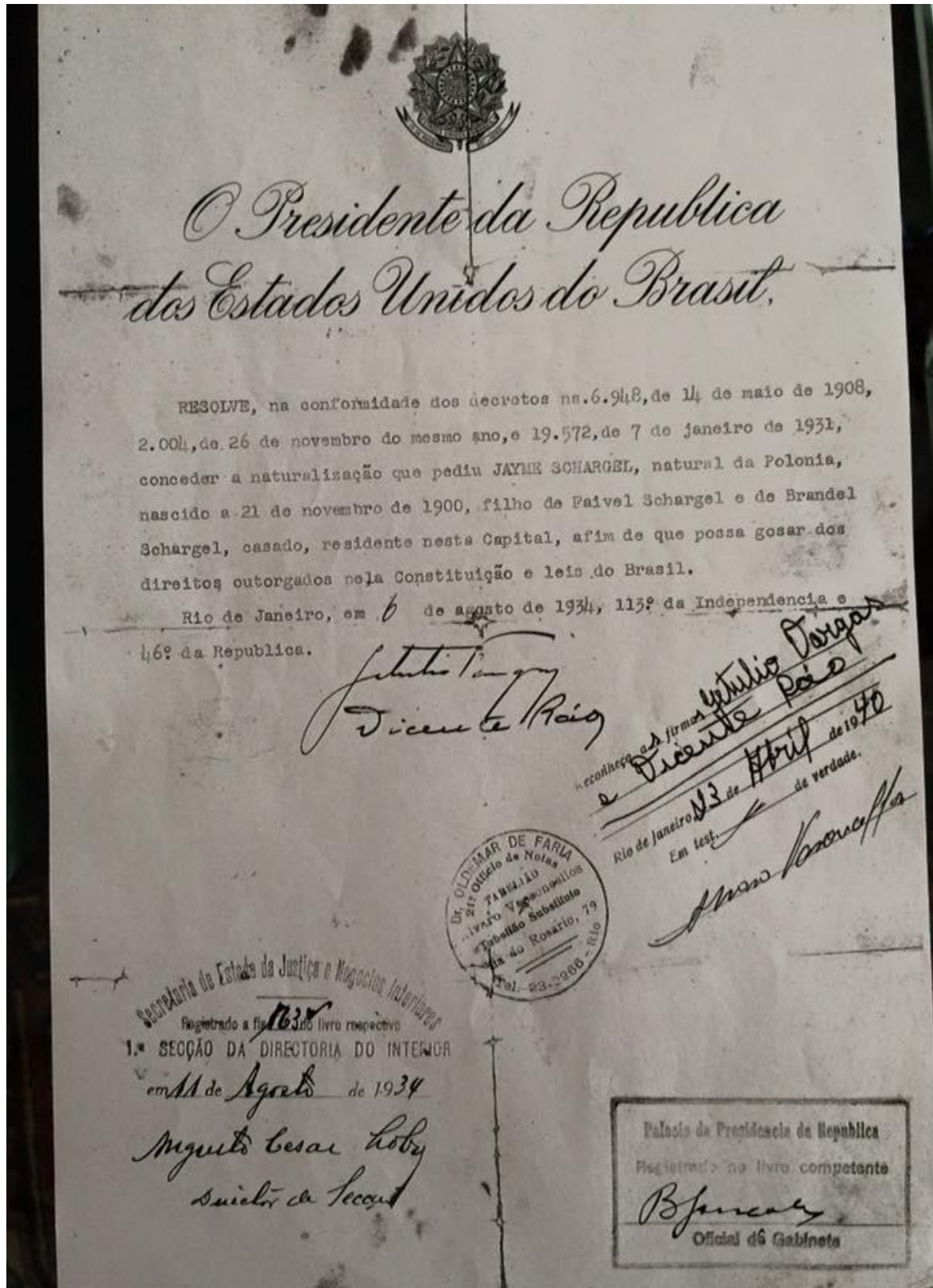
Eis novamente o grande problema da ausência de uma memória coletiva concreta e “oficial”: sobram cascas, epidermes que espelham um pedaço do passado, mas que são demasiado superficiais. Ainda assim, essas ruínas são essenciais para lutar contra o esquecimento: a família passa a construir teorias e narrativas a partir delas (HUYSSSEN, 2000, p. 20) e, graças a elas, podemos conhecer alguns detalhes do passado, como nosso sobrenome. Reconstruindo com os poucos arquivos restantes, e após descobrir a inexistência do “ch” na língua polonesa, levantei uma teoria plausível: Jayme teria alterado seu sobrenome original para “Schargel” para evitar a deportação. Faz bastante sentido, independente dele ter desertado, fugido do nazismo ou qualquer outra versão. Schargel soa alemão, de fato. Conveniente, considerando que o Brasil da década de 30 possuía uma relação amigável com a Alemanha (SEITENFUS, 2000, p. 38) e um sobrenome judeu e polonês provavelmente aumentaria as possibilidades de deportação, principalmente se ele realmente tiver desertado. De acordo com o Diário Oficial, Jayme conseguiu sua naturalização em agosto de 1934, ou seja, cerca de 15 anos após ter chegado no país; consta o sobrenome Schargel não apenas para si, mas para seus pais:

**Figura 3:** publicação no Diário Oficial em 1934 mostrando a naturalização de Jayme.



**Fonte:** acervo pessoal.

Figura 4: documento de naturalização de Jayme.



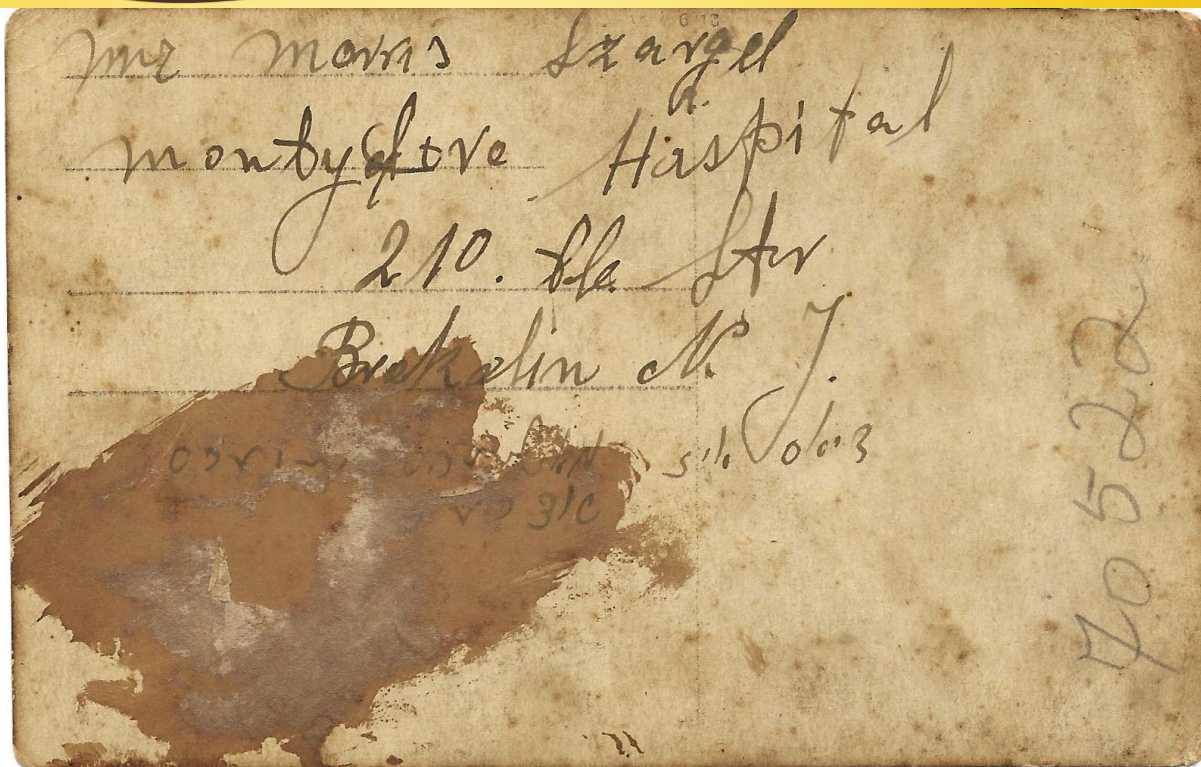
Fonte: acervo pessoal.

Algum tempo depois de ter descoberto que Schargel não era, provavelmente, nosso sobrenome, e de ter falhado em levantar a documentação necessária ao passaporte, uma prima encontrou, enquanto mexia nos pertences de nossa falecida avó, uma foto perdida do que seria nosso trisavô ou tetravô. O pai ou, mais provavelmente, o avô de Jayme. As vestimentas indicavam que o tetravô era um rabino influente, de acordo com ela. No verso da foto, embora quase ilegível, parece estar escrito “Szargel”, corroborando com as suspeitas de que o sobrenome teria sido adulterado propositalmente.

**Figura 5 e 6:** foto de Morris (?) Szargel.







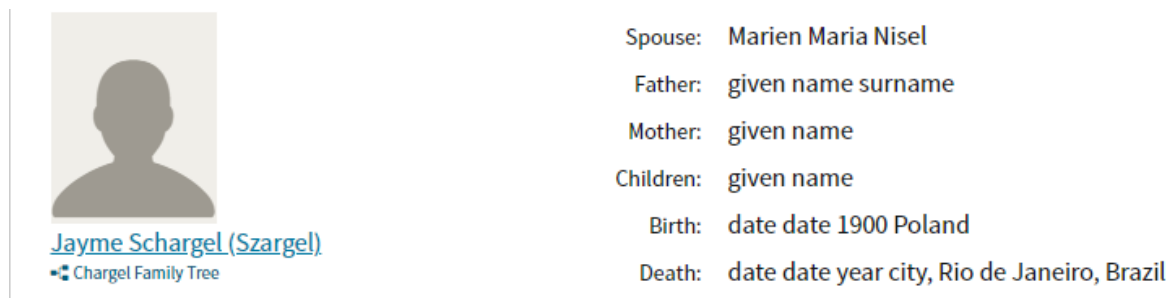
**Fonte:** acervo pessoal.

Enquanto escrevia este artigo, mais de uma pessoa me recomendou que eu entrasse em alguns sites que procuram sobrenomes pelo mundo. Assim o fiz. Já o havia feito antes, quando desconhecia a inexistência do “ch”. O que me pareceu mais confiável, chamado Ancestry, já tinha uma conta minha registrada, embora eu não me recorde de a ter criado.

Ancestry possui algumas informações interessantes: encontra 90 Szargels no total, residentes da Polônia, Ucrânia, Estados Unidos. Curiosamente, a quantidade de Szargels na Ucrânia parece maior do que na Polônia, com uma grande concentração em Lviv. Já estive lá, na mesma viagem em que fui à Polônia: me arrependo de não ter visto isso antes, foi logo depois de ter descoberto a inexistência do “ch”. Mas o “z” era, na época, só uma hipótese sem nenhuma evidência: a foto de meu tri/tetra avô ainda viria a ser encontrada. O que mais me perturba, porém, é que Jayme Schargel aparece lá, mas, entre parênteses, está escrito Szargel. Há três possibilidades: ou somos péssimos em investigações, ou o site nos conhece mais do que nós próprios, ou algum familiar (ou eu mesmo, sem me lembrar) adicionou essa informação lá. Talvez as três possibilidades estejam corretas simultaneamente. Continuando a pesquisar o sobrenome Szargel, encontro algo que me chama a atenção: uma pessoa chamada Fajwel Szargel, nascido em Varsóvia em 1862. Em alguns documentos consta que meu trisavô chamava-se Faivel Schargel. Semelhante. Grande parte dos Szargels, segundo o site, morreram em Cracóvia durante a Segunda

Guerra. Não sei o quão confiável o site é, até porque ele pede uma assinatura de 20 dólares para investigar mais a fundo.

**Figura 7:** perfil de Jayme no Ancestry.



Spouse: Marien Maria Nisel  
Father: given name surname  
Mother: given name  
Children: given name  
Birth: date date 1900 Poland  
Death: date date year city, Rio de Janeiro, Brazil

**Fonte:** Ancestry - <https://www.ancestry.com>.

Assume-se que Jayme chegou ao Brasil sem nada, mas construiu uma relativa estabilidade financeira através do comércio. Um dos documentos mais inusitados que deixou em suas ruínas mostra a sua permissão para Mariem comprar uma máquina de costura, o que fornece evidências de que, conforme dito nas histórias da família, ela trabalharia como costureira até herdar o negócio de seu marido. Outra narrativa canônica na família é que Jayme teria morrido de uma forma inesperada: ao tratar uma cárie, teria adquirido uma infecção e falecido ainda bastante jovem, em algum momento da década de 40, provavelmente em 1945. No fim da guerra.

A história de Mariem Nisel Schargel é ainda mais enigmática do que a de Jayme, mesmo tendo vivido mais tempo e conhecido suas netas. Ao que parece, Mariem não falava sobre o seu passado, mesmo com sua filha. Não se sabe quem era ela antes de chegar ao Brasil, o que fazia ou como conheceu seu marido. O que se sabe é que chegou ao país bem depois, ao menos cinco anos após Jayme. Lendas da família dizem que Mariem teria vindo em um casamento arranjado, mas mesmo sobre isso não há informações. Faz sentido, considerando que, se Jayme realmente desertou da Primeira Guerra, Mariem teria o conhecido ainda como uma criança: Jayme nasceu em 1900, conforme aparece em seu certificado de reservista; enquanto consta na identidade de estrangeiro de sua esposa o nascimento em 1911. Ao que tudo indica, teria chegado no país em torno de 1925 e obtido sua naturalização próximo de 1935, sendo ainda, portanto, uma criança de cerca de 15 anos quando se casou. Sua carteira de identidade para estrangeiro não possui sequer o nome de seu pai.

**Figura 8:** carteira de identidade de Mariem.



**Fonte:** acervo pessoal.

O curioso é que seu nome aparece em alguns documentos como Mariem e em outros como Maria. Na família Schargel/Szargel, ninguém sabe o motivo. Mas é provável que, uma vez naturalizada brasileira, Mariem tenha alterado o seu nome para que soasse mais “abrasileirado”. Se foi de forma legal ou não, não há como saber, já que não há documentos que mostrem isso.

**Figura 8:** documento que mostra o nome “abrasileirado”.



**Fonte:** acervo pessoal.

Antes da busca no Arquivo Nacional a ruína de informações era ainda maior. Foi somente com a intenção de emitir um passaporte europeu que os Schargels/Szargels descobriram algumas questões familiares cruciais, como o processo de naturalização e a mudança do próprio sobrenome. Entretanto, com a ausência de dados como em qual navio eles chegaram e documentos poloneses, é quase impossível emitir um passaporte do país. Soma-se a isso ainda o antissemitismo polonês que nunca desapareceu completamente do país (ALTARES, 2017)<sup>4</sup>, o que dificulta ainda mais a obtenção.

Os Schargels brasileiros não sofreram diretamente a influência do Holocausto. Parentes poloneses, primos, tios, avós, foram possivelmente aniquilados, o que aumentou a sensação de isolamento e rompimento; mas, ao que tudo indica, Jayme e Mariem chegaram antes da ascensão do nazismo. Os

<sup>4</sup> Não sendo exclusividade da Polônia, o antissemitismo vem em ascensão em toda a Europa, consequência dos governos ur-fascistas/populistas (DW, 2019).

parentes que provavelmente perdemos, que não conhecemos, que nem sabemos quem são, ainda assim nos aparecem de forma fantasmática ao ponto que, quase um século depois, a minha geração foi a primeira a pisar na Alemanha, a efetivamente conversar com alemães e, ainda mais, a manifestar um desejo pelo passaporte e pela genealogia da família. Mesmo que fosse muito mais pragmático e simples que as gerações anteriores juntassem documentos e informações para descobrir quem nós éramos. Existia apenas um silenciamento intenso, testemunhos discrepantes entre si que formavam pós-memórias alternativas que pouco condiziam com a realidade, mas ajudavam a idealizar imagens mais toleráveis. Nenhum de nós absorveu a experiência direta do Holocausto, nem mesmo Jayme ou Mariem estiveram nos campos, embora provavelmente tenham perdido toda a família; porém ainda hoje, quatro gerações depois, as sombras fantasmagóricas dos seus efeitos ainda se fazem presentes na família.

### **3. Sem lembrar, sem esquecer**

A memória possui, inevitavelmente, a mediação da história: não é impossível isolá-la completamente (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 68). História e memória não são exatamente a mesma coisa, embora a primeira se alimente da segunda; a história é responsável por filtrar a memória, trabalhando com memórias coletivas e individuais na formação de narrativas “oficiais” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 68). Portanto, se a história bebe da memória, ela padece do mesmo mal: o esquecimento. Com a memória em ruínas, a história falha.

O testemunho nunca é uma representação hermética do real, assim como a história também não o é, já que sempre existirá discrepâncias entre o relato, a memória e o real (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 10). Porém, nas reticências, nas ruínas sobre os Schargels/Szargels, foi preciso reconstruir uma narrativa a partir do silêncio. Uma reconstrução inevitavelmente falha e incompleta, mas, ao menos, uma reconstrução. Uma pós-memória que, sendo real ou não, ao menos restaura e satisfaz a partir do pouco que há: “representar alguma coisa pelo menos, um mínimo do que é possível saber” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 30).

Conforme as gerações vão se sucedendo, o passado familiar vai ficando cada vez mais turvo. Gradualmente mais distante da realidade, mais e mais envolto em mitos, lendas, histórias. Como um jogo de telefone sem fio, suas histórias de vida são deturpadas, engrandecidas, diminuídas ou apagadas. Sem o real conhecimento do passado, ele passa a ser envolto numa aura, uma mitificação nebulosa. O testemunho, a transmissão, tem como função mitigar esse paroxismo, pois concede uma versão “oficial” aos acontecimentos. Com a ausência, a transmissão é incompleta. Na inexistência de informações sobre o passado familiar permanece um grande fantasma: uma reticência transmitida geração por geração,

semelhante a um veterano de guerra que sente a perna amputada, mesmo não a tendo mais por anos: “há pessoas que são transformadas em fantasmas pelo silenciamento de suas vozes; e mesmo que elas pertençam ao passado, os efeitos de seu silenciamento, de sua ausência na história, podem ser sentidos atualmente” (FROSH, 2013, p. 5)<sup>5</sup>.

Maurice Halbwachs entende que não há memória coletiva que seja completamente separada da memória individual, já que uma se alimenta da outra (HALBWACHS, 1990, p. 53). Já Michael Pollak estuda a memória como elemento inexorável na formação da identidade dos indivíduos (POLLAK, 1992, p. 204). Por conseguinte, a pós-memória também o é. Na ausência, a identidade é construída a partir do silêncio, do pouco que há. Eu me entendo por judeu, me sinto judeu, pelo que herdei de bisavós que não sei sequer o verdadeiro sobrenome. A identidade judaica se formou a partir do pouco, do vazio que foi passado de geração em geração.

Hirsch, citando Halbwachs, define que pós-memória é um amalgama entre memória individual, coletiva e história, mesclados em tentativas de gerações seguintes em reconstruir um passado (HIRSCH, 2012, p. 31). É importante ressaltar que a pós-memória, obviamente, não é a memória da experiência vivida, mas a reconstituição do passado a partir de fragmentos (HIRSCH, 2012, p. 31). Assim, compreende-se o arquivo, as cascas, como fundamental no processo de assimilação do passado retalhado: “Esse arquivo, no caso de uma interrupção traumática, exílio, e diáspora, perdeu o seu link direto com o passado, perdeu as conexões que formam uma comunidade e sociedade[...] as gerações seguintes trabalham para neutralizar ou reparar essa perda” (HIRSCH, 2012, p. 33)<sup>6</sup>.

No início de *Cascas*, Didi-Huberman se questiona se seu filho herdará essas cascas (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 10). Talvez algum familiar algum dia tenha melhor sucesso do que eu em incrementar o arquivo familiar, e, assim, superar as assombrações, dando continuidade às reticências. Ou “Talvez toda geração tenha algo que as assombre” (FROSH, 2013, p. 1)<sup>7</sup>, e se distancie mais, cada vez mais distante conforme as gerações vão se sucedendo, de uma reconstrução mais efetiva. Uma pós-memória ainda mais pós.

Mas esse trabalho de arqueologia pessoal, de moldar cascas, permitiu a formação de uma pequena dialética, uma conversa que tornou a assombração menor. Onde só havia esquecimento, foi possível criar uma descoberta. Realmente uma descoberta: é como se uma gigantesca lona que cobrisse o passado tivesse um pequeno pedaço retirado, por onde passa uma fresta de luz, uma luminosidade que permite ver

<sup>5</sup> Tradução livre para: “There are people who are made ghostly by the silencing of their voices; and even if these people belong to the past, the effects of their silencing, of their writing out from history, can be felt today”.

<sup>6</sup> Tradução livre para: “That archive, in the case of traumatic interruption, exile, and diaspora, has lost its direct link to the past, has forfeited the embodied connections that forge community and society[...] the postgeneration could and does work to counteract or to repair this loss”

<sup>7</sup> Tradução livre para: “Perhaps every generation has something that haunts it”.

além do opaco; antes, nada tinha, agora há a “casca da história” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 66). Hoje, com essa busca, há uma narrativa familiar que, embora ainda longe de completa, ao menos é mais lúcida e congruente.

Seja qual for o termo usado, assombração, pós-memória, ou as outras ideias presentes no texto, todas expressam a mesma ideia de reconstrução a partir do vácuo, um sentimento melancólico de tentar dialogar e entender pequenos fragmentos. A memória é transferida, de certa forma, de geração em geração. Mesmo que não diretamente, mas através de arquivo. Não é a mesma forma de memória, daí a necessidade de chamá-la de pós-memória ou outro termo: “a memória recebida é diferente da recebida por testemunhas e participantes. Daí a insistência no ‘pós’ ou ‘depois’ e muitos outros adjetivos qualificantes e formulações alternativas para definir” (HIRSCH, 2012, p. 3)<sup>8</sup>. Assim como Didi-Huberman, embora minha família tenha sido provavelmente aniquilada no nazismo, o sentimento que herdei não é o mesmo dos parentes que lá morreram, parentes que desconheço até o nome. A dificuldade de narrar os retalhos daqueles que sobreviveram ao fugir para o Brasil, torna mais incompreensível o que se passou com aqueles que permaneceram na Polônia.

As informações que obtive nos últimos anos, principalmente a foto perdida de meu tri/tetravô, ajudaram a reconstruir uma narrativa mais verossímil acerca dos Schargels/Szargels. Mais verossímil no sentido de que a narrativa agora, ao contrário de antes, parece plausível, com evidências que a corroboram. Descobrir o sobrenome original permite recomeçar a busca pelas origens e tentar novamente o passaporte Europeu, caso algum dia eu ou algum outro membro da família deseje.

Trabalhar como um arqueólogo pessoal, lidando com restaurações de memória a partir de arquivo, foi o que permitiu a formação de pequenas cascas que, mesmo incompletas, fornecem uma continuidade às reticências criadas pela ausência. Como Benjamin mostra, revirar o passado auxilia a entender o presente: “Quem tenta se aproximar do próprio passado soterrado deve fazer como um homem que escava. Ele não deve temer voltar incessantemente a um único e mesmo estado de coisas – a dispersá-lo como dispersamos a terra, a revirá-lo como reviramos o reino da terra” (BEJAMIN *apud* DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 65). Não é completamente satisfatório, nunca será: apesar da iluminação de pontos obscuros do passado, novos escuros surgiram a partir destes. Isto porque, conforme se penetra mais e mais na busca, ao mesmo tempo em que algumas perguntas são respondidas, outras surgem a partir dessas respostas. Como uma hidra, cada cabeça cortada gera outras duas no lugar. Mas, ainda assim, até

---

<sup>8</sup> Tradução livre para “their received memory is distinct from the recall of contemporary witnesses and participants. Hence the insistence on ‘post’ or ‘after’ and the many qualifying adjectives and alternative formulations that try to define”.

que ela seja esmagada completamente - o que nunca acontecerá -, as pequenas respostas oferecem uma conquista. E a pós-memória se tornou um pouco menos pós.

### Referências

- ALTARES, Guillermo. Polônia reescreve sua história da Segunda Guerra Mundial. *El País Brasil*. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/01/cultura/1488388189\\_648943.amp.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/01/cultura/1488388189_648943.amp.html)>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- ANCESTRY. Disponível em: <<https://www.ancestry.com>>. Acesso em: 19 jun. 2019.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DW. Antissemitismo cresce na Europa. *DW*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/antissemitismo-cresce-na-europa/a-47532553>>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- FIGLIO, Karl. *Remembering as reparation: Psychoanalysis and historical memory*. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.
- FROSH, Stephen. *Hauntings: Psychoanalysis and ghostly transmissions*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1990.
- HIRSCH, Marianne. *The Generation of Postmemory: Writing and Visual Culture after the Holocaust*. Nova York: Columbia University Press, 2012.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.
- SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *O revisionismo na história: os assassinos da memória*. Campinas: Papyrus, 1988.

Artigo recebido em: 19/06/2019

Artigo aceito em: 19/07/2019